Um estudo sobre emoções através da aplicação de um modelo bifatorial de atitudes*

MARCO ANTONIO C. FIGUEIREDO**
ARNO ENGELMANN***

1. Introdução; 2. Procedimento; 3. Resultados; 4. Análise dos resultados; 5. Discussão e conclusões.

Este trabalho teve por objetivo verificar a aplicabilidade do modelo bifatorial de atitudes de Fishbein e Ajzen (1975) no estudo das emoções, caracterizando a trilogia afeto-cognição-conação nos relatos dos sujeitos. Escalas de probabilidade e de avaliação foram aplicadas em 40 sujeitos do sexo feminino para tomar medidas sobre a força da crença (*b*) e os valores (*e*) associados a emoções e comportamentos, calculando-se as atitudes correspondentes. Foi realizada uma análise descritiva dos aspectos afetivo-cognitivo-conativos de cada emoção estudada, discutindo-se os resultados com base na literatura.

1. Introdução

Quando se estudam fenômenos psicológicos através de relatos verbais deve-se considerar dois mundos no universo semântico: o mundo do momento, inacessível à explicação cientffica, e o mundo do contínuo, passível de uma explicação psicológica, via descrição fenomenológica. Enquanto que o sujeito pode ter certeza do seu mundo momentâneo, o primeiro mundo, existem apenas inferências sobre o "mundo fora de si", ou o segundo mundo. Mas a totalidade de suas relações sociais é baseada neste mundo hipotético. Uma decorrência disto é que a psicologia se estrutura a partir de dados secundários, como os relatos. Desta maneira eles constroem "a ponte entre os seres humanos".[1] Assim, enquanto "ciência de outro", a psicologia se baseia em hipóteses de segunda ordem.[2] Para o estudo das emoções, particularmente os estudos baseados na construção de escalas subjetivas,

*Artigo apresentado à Redação em 17.2.88.
**Do Departamento de Psicologia e Educação FFCLRP-USP. (Endereço do autor: Rua Hermes Fontes, 173 – 14.100 – Ribeirão Preto, SP.)
***Do Departamento de Psicologia Experimental – Instituto de Psicologia da USP.

[1] Duas pessoas que conversam falam dados primários. O dado primário de cada um é transformado num dado secundário, que por sua vez vai ser ouvido como dado primário. Não há necessidade, entretanto, de os dados primários falados serem idênticos aos dados ouvidos. Dessa forma, se constrói uma "ponte entre os seres humanos" (Engellman, 1986).

[2] Hipótese de primeira ordem é que o mundo exista. Hipóteses de segunda ordem são as da ciência, suposta a realidade da hipótese de primeira ordem (Engellman, 1982).

as hipóteses de segunda ordem são problemáticas, na medida em que o significado das emoções varia entre as pessoas, sem falar nas diferenças entre culturas quanto à sua conotação e denotação (Engelmann, 1982).

Algumas propostas teóricas, oriundas de outras áreas do conhecimento, poderiam projetar alguma luz sobre o problema da utilização de relatos verbais nos estudos das emoções. Algumas teorias econômicas de "utilidade" têm enfatizado, por exemplo, a expectância e o valor subjetivo da decisão, como a teoria da decisão comportamental (Edwards, 1954). Embora desenvolvida fora da teoria psicológica, por tratar as "crenças" sobre as conseqüências de uma ação e por medir o "valor subjetivo" associado a estas "crenças", esta teoria dá fundamentos para a criação de técnicas aplicáveis ao campo da psicologia. A equação de Edwards (1954) pode ser assim formulada:

$$SEU = \Sigma\ SP_i.U_l$$

onde:

SEU = Utilidade subjetiva esperada
SP_1 = Probabilidade subjetiva da ocorrência do evento *i*
U_1 = Utilidade subjetiva, ou o resultado do evento *i*

No âmbito das teorias de atitudes, a concepção de Fishbein e Ajzen (1975) retoma o modelo de Edwards, colocando-o sob o referencial da psicologia. Alguns aspectos centrais da atitude são transpostos por estes autores para o modelo de Edwards; identificando o componente SP_i com o componente cognitivo das atitudes e o componente U_i com o conteúdo valorativo, reescrevem o modelo da utilidade subjetiva esperada:

$$A_B = \Sigma\ b_i\ .\ e_i$$

onde:

A_B = atitude geral frente ao comportamento *B*
e_i = valores associados às diferentes conseqüências do comportamento *B*.

Assim, o estudo de atitudes envolve alguns níveis de medidas:

a) medidas de avaliação: em alguns casos, a atitude pode ser estudada através de medidas diretas, pedindo-se ao sujeito que coloque o objeto numa escala de avaliação, como "bom-mau", "feio-bonito", etc. No entanto, na grande maioria das vezes, a atitude se relaciona com as crenças sobre certos atributos do objeto com as avaliações ou o valor esperado que tal atributo passa a ter para o sujeito e as intenções comportamentais deste, a respeito do objeto. Desta forma, as medidas diretas de atitudes podem, certamente, negligenciar drasticamente algumas variáveis relacionadas ao contexto e que envolvem aspectos cognitivos, valorativos e comportamentais da atitude medida.

b) medidas sobre crenças: uma vez que as crenças associam um objeto a um determinado atributo, torna-se necessário, inicialmente, identificar este antes de medir as crenças sobre aquele. Desta forma, é preciso fazer primeiro uma avaliação sobre o conteúdo da crença, ou seja, sua dimensão qualitativa, derivada do julga-

mento da associação de um objeto a uma categoria de atributo. Isto pode ser feito pedindo ao sujeito que situe o objeto da atitude em uma entre várias categorias discretas de atributos.

Só então se torna possível estabelecer uma medida da *força da crença*: esta dimensão quantitativa deriva da probabilidade subjetiva associada à ligação entre o atributo e o objeto da atitude. Assim, a força da crença é afirmada a partir de escalas bipolares de probabilidades subjetivas, como coloca Fishbein (1975, p. 58): "Muitas medidas de respostas simples encontradas na literatura pedem ao sujeito que situe o objeto ao longo de uma dimensão de atributos (...) Estes julgamentos constituem medidas do conteúdo da crença (...) Uma medida quantitativa da força da crença, entretanto, é obtida somente a partir do momento em que a probabilidade subjetiva associada à ligação objeto-atributo é considerada."

c) medidas de intenções comportamentais: as intenções são consideradas por Fishbein como um caso especial de crenças, se se pensar no objeto como uma pessoa e no atributo como um comportamento. Da mesma forma, pode-se, então, fazer uma distinção entre o conteúdo da intenção e a sua força. O conteúdo pode ser definido através do próprio comportamento pretendido e a força da intenção pode ser medida através de escalas de probabilidade.

Enfim, com base nestas três medidas, poder-se-á chegar a avaliações mais precisas e detalhadas das atitudes: a) o primeiro degrau envolve a identificação de uma série de atributos do objeto, relevantes para o sujeito; b) em seguida, definidos os atributos, pede-se aos sujeitos que dêem um julgamento de valor sobre estes atributos ou a medida de *e*. Por exemplo, cada atributo pode ser colocado numa escala de sete pontos entre "bom-mau", ou numa série de escalas equivalentes. O diferencial semântico de Osgood (1957), dimensão *E*[3], se ajusta admiravelmente nesta medida; c) mede-se, então, a força da crença ou medida de *b*, colocando cada afirmação a respeito em um ponto de escalas de probabilidade, por exemplo, o "provável-improvável", "esperado-inesperado"; d) finalmente, o produto crença × avaliação é feito para cada item e o escore final da atitude é obtido pela soma dos produtos assim calculados.

A abordagem de Fishbein e Ajzen se fundamenta na mesma lógica que a maioria dos procedimentos clássicos, padrões de escalas de atitudes. No entanto, vai um pouco mais além: enquanto os procedimentos clássicos medem somente a força da crença ou a da intenção dos sujeitos, sua abordagem mede as *avaliações* sobre os tributos do objeto da atitude. Na realidade, os procedimentos clássicos se baseiam indiretamente na dimensão avaliativa, uma vez que envolvem inferências sobre "opiniões", que são expressões verbais carregadas de um valor pró ou contra. Entretanto, seus itens são afirmações sobre crenças ou intenções e a resposta do sujeito é feita ao longo de uma dimensão de probabilidade.

Partindo da premissa de que, no estudo das emoções, os relatos se baseiam na inspeção do "primeiro mundo" pelo sujeito e que a conseqüente descrição fenomenológica está calcada em decisões, as quais envolvem processos complexos de memória, valores, relações de ordem, expectativas, etc., o modelo bifatorial de Fishbein e Ajzen (1975) poderia ser, então, aplicado. Na inspeção do seu "primeiro mundo", o sujeito deverá enfrentar níveis diferentes de instâncias: uma primeira, que implica avaliações positivas ou negativas do objeto da inspeção, no caso a

[3] No livro sobre Charles Osgood, a ser publicado pela Editora Ática, Arno Engelmann, um dos autores deste artigo, traduz *evaluation* (E) por avaliação (Av).

emoção; e uma segunda, regida por algumas normas subjetivas fundamentadas em cognições, que compreende as crenças a respeito deste objeto.

Um outro aspecto importante a ser observado com relação às crenças é que estas representam a *informação* envolvida no processo do relato verbal. As pessoas diferem, em termos da expectância, frente a um objeto e esta "esperança" é regida por uma "probabilidade subjetiva" diante do evento. Então, a crença pode ser medida em termos probabilísticos, onde o sujeito é colocado ao longo de uma dimensão de "preferência de escolha".

Este aspecto nos reporta à "intenção comportamental", que adquire uma conotação de relação entre "probabilidade subjetiva" e a "estratégia" que o indivíduo assume frente a um acontecimento, objeto, ou pessoa. Então, esta categoria poderia ser medida por procedimentos que colocam o sujeito frente a uma dimensão probabilístico-subjetiva em relação a si mesmo e à uma ação que deve empreender. A concepção de Fishbein e Ajzen (1975) está fundamentada na distinção entre crenças, atitudes, intenções e comportamentos. Como o aspecto cognitivo – a crença – é a pedra fundamental da estrutura conceitual destes autores, eles vêem o homem como um organismo eminentemente racional, que utiliza as informações à sua disposição para fazer julgamentos e tomar decisões.

Neste espírito, vemos a perspectiva de tratar as emoções através da ótica da teoria da decisão, via modelo de atitudes de Fishbein e Ajzen (1975). Vimos neste modelo uma possibilidade de tentar uma ligação entre os dois mundos do universo cognitivo, através de estudos que consideram aspectos como atitudes, "crenças" ou "utilidade", associados às emoções. O trabalho que se segue é um primeiro esforço dessa tentativa.

2. Procedimento

2.1 Isolamento das emoções a serem estudadas

Com base em estudos realizados por Engelmann (1986), foram selecionadas 33 emoções, que serviram como ponto de partida para nossos trabalhos. Uma lista com 64 locuções descritivas de situações correntes do dia-a-dia foi aplicada, sob forma de questionário, em 50 juízes proporcionais em sexo. Estes procederam ao julgamento das locuções, indicando qual emoção acompanharia cada uma das situações por elas descritas. Tinham para isso uma lista auxiliar, composta pelas 33 emoções retiradas da lista de Engelmann; os juízes, no entanto, não precisavam se prender a esta lista para emitir seu julgamento. Posteriormente, foi realizado um estudo de freqüência das emoções associadas às locuções. As emoções de baixa ocorrência foram eliminadas, tornando-se como critério proporções iguais ou inferiores a 0,01 das inclusões nas diversas locuções.

2.2 Composição de conglomerados a partir das emoções selecionadas

As emoções selecionadas na primeira etapa foram colocadas em uma tabela de dupla entrada e submetidas a juízes para que estes as comparassem duas a duas, segundo a similaridade. A comparação foi feita aos pares, linhas *versus* colunas, emitindo-se um julgamento de 1 a 10, segundo a similaridade: quanto mais "próximas" (ou parecidas) as emoções, menor o valor a ser atribuído. Foram utilizados 15 juízes de ambos os sexos e escolaridade variada. O estudo se realizou através da análise tipológica de Mc Quitty (1961), a partir das médias de cada comparação.

2.3 Estudo de atitudes frente às emoções e comportamentos associados às locuções

Um estudo preliminar selecionou 24 locuções desencadeantes de emoções, três para cada conglomerado composto pela análise de Mc Quitty. Foram considerados dois aspectos: a freqüência com que a emoção apareceu em cada item e o número de categorias ou emoções existentes em cada um deles. Considerando estes aspectos, tornaram-se condições para julgar um item como representativo de uma dada emoção: a) o maior número possível de inclusões em uma categoria; b) o menor número de categorias. Assim, o item ideal seria aquele que concentrasse 100% das categorizações em uma só emoção.

Este estudo foi realizado através do cálculo das entropias dos itens, técnica que tem sido utilizada em outros trabalhos por nós realizados (Figueiredo e Galera, 1981). O procedimento consistiu em selecionar as locuções em função da menor entropia, ou seja, aquelas situações em que os julgamentos levaram a uma maior redundância.

Um levantamento do comportamento modal associado a cada uma destas situações foi então realizado. Estudaram-se as crenças salientes a respeito destes comportamentos e das emoções correspondentes a cada situação. Medidas da força da crença sobre emoções e comportamentos foram tomadas, com referência à escala de probabilidade do diferencial semântico "provável-improvável"; medidas de avaliações sobre comportamentos e emoções foram feitas com base em três escalas *E*, "agradável-desagradável", "honesto-desonesto" e "bom-mau". Finalmente, foram calculadas as atitudes frente a cada comportamento e emoção, aplicando-se a equação de Fishbein e Ajzen (1975) sobre os resultados da força da crença e medidas de avaliação. Nesta etapa, foram utilizados 40 sujeitos do sexo feminino, estudantes de graduação em biologia da FFCLRP-USP.

2.4 Estudos comparativos entre crenças, avaliações e atitudes sobre emoções e comportamentos relatados

Calculou-se, inicialmente, a correlação de Pearson entre medidas de atitudes sobre emoções e comportamentos. Foi realizada uma análise da direção destas relações e sua coerência foi observada para os conglomerados, as categorias discretas de emoções e cada um dos 24 itens estudados:

2.4.1 Concordância entre emoções e comportamentos

Definida pela correlação positiva, significativa a nível de 0,05, entre as duas medidas de atitudes tomadas. Neste caso, a consonância do relato poderia se confirmar para os conglomerados, categorias ou conjunto de itens estudados.

2.4.2 Independência entre emoções e comportamentos

Neste caso os níveis de correlação não seriam significantes, podendo-se afirmar, para o estudo em questão, que os relatos verbais não apresentaram uma concordância entre emoção e comportamento.

2.4.3 Oposição entre emoções e comportamentos

Aqui, a incoerência do relato poderia ser confirmada pela correlação negativa, significante a 0,05 entre as atitudes medidas. Neste caso, a dissonância entre crenças e avaliações a respeito das emoções e comportamentos poderia estar comprometendo a fidelidade do relato verbal. No sentido de localizar e explicitar essa dissonância, foi realizado um estudo de correlação entre os componentes *e* e *b* das atitudes medidas, para emoções e comportamentos. Este estudo possibilitou verificar a direção da relação entre crenças e avaliações contidas no relato verbal e uma conseqüente descrição das tendências de cada conglomerado, categoria ou item estudado, quanto às atitudes e seus componentes. Foi feito da seguinte maneira: traçou-se, inicialmente, o diagrama de dispersão de cada correlação em estudo. Tomando-se como critério o ponto zero nas abscissas e ordenadas, dividiu-se o diagrama em quadrantes, a saber:

– Quadrante 1: situado na parte superior direita do diagrama, compreende os pontos positivos nas abscissas e nas ordenadas. Os conglomerados, categorias e itens situados neste quadrante se caracterizam pela atitude positiva frente à emoção e aos comportamentos, assim como pelas crenças e avaliações positivas a respeito do conteúdo relatado.

– Quadrante 2: compreende a área situada no quarto inferior direito do diagrama de dispersão: Os pontos aí contidos se caracterizam pela atitude positiva frente à emoção e negativa frente ao comportamento, ou pela avaliação positiva e força da crença negativa a respeito do conteúdo relatado.

– Quadrante 3: situa-se no quarto inferior esquerdo do diagrama de dispersão e compreende os pontos negativos em abscissas e positivos nas ordenadas. Os pontos aí contidos representam conglomerados, categorias ou itens cujas atitudes são positivas quanto ao comportamento e negativas quanto às emoções. No que se refere aos componentes das atitudes, neste quadrante estão os pontos que descrevem crenças positivas e avaliações negativas sobre o conteúdo relatado.

Com base na inclusão em cada um destes quadrantes, foram construídas tabelas descritivas dos oito conglomerados, 11 categorias e 24 itens que foram estudados. Os resultados obtidos foram discutidos à luz do referencial teórico sobre atitudes e emoções.

3. Resultados

3.1 Seleção das categorias de emoções a serem estudadas

Foram calculadas as proporções de nomeação das 51 categorias que apareceram, num total de 3.197 respostas. Tomando-se como critério de rejeição freqüências inferiores a 0,01, foram selecionadas 33 categorias. A tabela 1 mostra a freqüência total de nomeações e sua proporção, simples e acumulada, por emoção.

Tabela 1
Freqüências e proporções de nomeação das categorias de emoções selecionadas

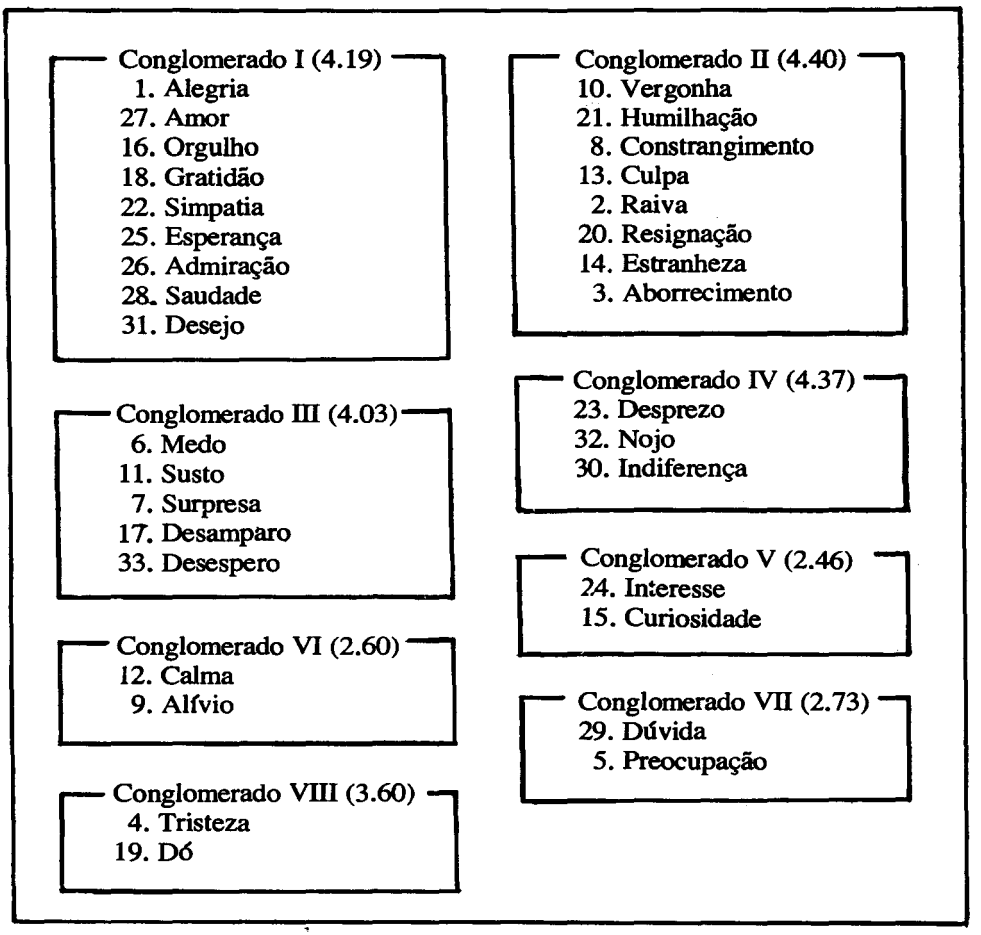
Estado subjetivo	Total	P	Pac
1. Alegria	379	0,118	0,118
2. Raiva	294	0,091	0,210
3. Aborrecimento	260	0,081	0,291
4. Tristeza	248	0,077	0,369
5. Preocupação	211	0,065	0,435
6. Medo	195	0,060	0,496
7. Surpresa	145	0,048	0,544
8. Constrangimento	153	0,047	0,592
9. Alívio	139	0,043	0,635
10. Vergonha	122	0,038	0,674
11. Susto	120	0,037	0,711
12. Calma	72	0,022	0,734
13. Culpa	68	0,021	0,755
14. Estranheza	67	0,020	0,776
15. Curiosidade	64	0,020	0,796
16. Orgulho	61	0,019	0,815
17. Desamparo	57	0,017	0,833
18. Gratidão	55	0,017	0,850
19. Dó	53	0,016	0,867
20. Resignação	51	0,015	0,883
21. Humilhação	45	0,014	0,897
22. Simpatia	42	0,013	0,910
23. Desprezo	41	0,012	0,923
24. Interesse	41	0,012	0,935
25. Esperança	32	0,010	0,945
26. Admiração	28	0,008	0,954
27. Amor	26	0,008	0,962
28. Saudade	19	0,006	0,968
29. Dúvida	18	0,005	0,974
30. Indiferença	18	0,005	0,979
31. Desejo	16	0,005	0,984
32. Nojo	10	0,003	0,988
33. Desespero	08	0,002	0,990

3.2 Isolamento dos conglomerados de emoções

A análise tipológica de Mc Quitty (1961) isolou oito conglomerados; o quadro 1 os apresenta com as respectivas médias gerais entre as comparações por pares de elementos que os compõem.

Quadro 1

Características dos conglomerados isolados. Categorias presentes e médias gerais das comparações por pares



3.3 Seleção das locuções

Os 24 itens selecionados, por conglomerados, são apresentados no quadro 2, com seus respectivos enunciados.

3.4 Medidas da força da crença, avaliações e atitudes frente aos comportamentos associados às locuções

Tomando-se o resultado dos 40 sujeitos avaliados, as médias da força da crença (*b*) avaliações (*e*) e atitudes (*A*) foram calculadas para os 24 itens estudados. Os resultados absolutos das atitudes foram transformados em dados relativos, dividindo-se por 81, ou seja, pelo escore máximo de cada medida, independente do sinal. Os dados sobre a força da crença, avaliações e atitudes relativas frente aos comportamentos estão na tabela 2.

Quadro 2
Enunciados dos itens selecionados para compor o questionário de atitudes

Conglomerado I

47. Ganhar um presente de uma pessoa muito querida
05. Rever velhos amigos
17. Ter um filho

Conglomerado II

43. Trancar o carro com as chaves dentro
57. Dar uma forte martelada no dedo
48. Derramar um copo de vinho tinto no colo de uma visita

Conglomerado III

60. Ser atacado por um cão feroz
01. Ser atropelado por uma bicicleta
99. Ser vítima de um assalto, à mão armada

Conglomerado IV

100. Encontrar uma mosca em sua sopa
108. Presenciar um fanfarrão contando vantagens para um grupo de adolescentes
98. Presenciar alguém adulando servilmente uma autoridade

Conglomerado V

83. Visitar um museu de arqueologia
88. Ler um livro de contos de mistério
66. Participar de uma sessão de parapsicologia

Conglomerado VI

51. Tomar uma ducha após um dia árduo de trabalho
85. Sarar de uma forte dor de cabeça
77. Ser despertado de um pesadelo

Conglomerado VII

14. Saber de um surto de meningite no bairro
109. Contrair uma dívida que não possa pagar
105. Perceber que emitiu um cheque sem fundos

Conglomerado VIII

15. Tomar conhecimento da morte de um amigo de infância
24. Perder um animal de estimação
3. Encontrar um velho amigo na miséria

Tabela 2
Valores médios assumidos pela força da crença, avaliações e atitudes sobre os comportamentos estudados ($N = 40$)

Conglomerado	Item	$\overline{A}$	$\overline{b}$	$\overline{c}$
VIII	15	+0,48	+0,37	+0,36
	03	+0,18	+0,03	+0,23
	24	+0,19	+0,31	+0,07
V	83	+1,07	+0,60	+0,56
	88	+0,93	+0,42	+0,68
	66	+0,37	+0,08	+0,25
I	17	+1,49	+0,69	+0,69
	47	+1,44	+0,43	+0,75
	05	+1,57	+0,61	+0,61
VI	51	+2,19	+0,58	+0,83
	85	+3,47	+0,31	+0,73
	77	- 0,25	+0,07	- 0,02
II	57	- 0,66	0,00	+0,48
	48	- 0,07	- 0,17	+0,46
	43	+0,17	- 0,16	+0,06
III	99	- 0,60	+0,25	- 0,21
	01	- 0,37	+0,07	- 0,02
	60	+0,04	- 0,08	+0,24
IV	98	- 0,13	+0,21	- 0,47
	108	- 0,02	+0,01	- 0,55
	100	+0,04	- 0,09	+0,05
VII	14	+0,85	+0,27	+0,14
	105	+0,43	+0,22	+0,42
	109	- 0,16	- 0,04	+0,15

3.5 Medidas da força da crença, avaliações e atitudes frente às emoções associadas às locuções

Cálculos semelhantes aos do estudo sobre os comportamentos foram realizados com relação às emoções. Os dados são apresentados na tabela 3.

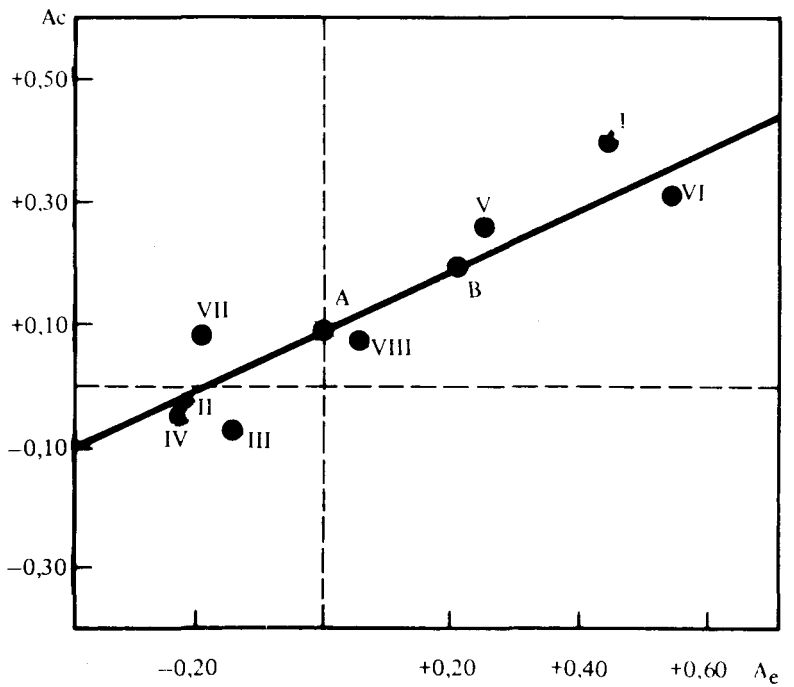
Tabela 3
Valores médios assumidos pela força da crença, avaliações e atitudes sobre as emoções ($N = 40$)

Conglomerado	Item	$\overline{A}$	$\overline{b}$	$\overline{c}$
VIII	15	+0,26	+2,20	+0,90
	03	+0,16	+1,18	+0,48
	24	+0,14	+1,37	+0,56
V	83	+0,71	+0,52	- 0,55
	88	+0,69	+0,51	- 0,54
	66	+0,74	+0,54	- 0,57
I	17	+1,74	+2,12	+2,50
	47	+2,25	+2,72	+2,20
	05	+2,33	+2,83	+3,33
VI	51	+2,42	+3,09	+3,36
	85	+7,31	+9,71	+10,6
	77	+1,34	+1,74	+1,89
II	57	- 1,58	+2,75	- 3,68
	48	-0,49	+1,37	- 0,85
	43	- 1,10	+1,91	- 2,56
III	99	- 0,73	+1,94	- 1,94
	01	- 0,55	+ 1,27	- 1,08
	60	- 0,45	+1,20	- 1,20
IV	98	- 0,63	+0,96	-1,39
	108	- 0,62	+0,95	- 1,42
	100	- 0,40	+1,61	- 0,83
VII	14	- 0,79	+1,53	- 1,34
	105	-0,67	+1,33	- 0,97
	109	- 0,56	+1,11	- 1,16

3.6 Estudos comparativos entre crenças, avaliações e atitudes sobre as emoções e comportamentos relatados

Considerando-se os conglomerados, a correlação entre emoções e comportamentos atingiu +0,92, significante a 0,001. O diagrama de dispersão da figura 3 apresenta a distribuição dos pontos desta relação.

Figura 1
Diagrama de dispersão da correlação entre atitudes frente a emoções e comportamentos, para os conglomerados ($N = 8$; $r_{AA} = +0,92$)



A presença de pontos nos quadrantes 1, 2 e 4 nos levou a realizar um estudo, em separado, dos componentes "e" e "b" das atitudes. Para isso, os itens foram divididos em blocos, positivos e negativos, de acordo com a localização dos respectivos conglomerados nos quadrantes.

Considerando-se as atitudes frente ao comportamento, as correlações entre crenças e avaliações foram significantes a 0.01: +0,76 para o subgrupo positivo (quadrante 1) e -0,61 para o subgrupo negativo (quadrantes 2 e 4). Os diagramas de dispersão das figuras 2 e 3 ilustram a distribuição dos pontos nestes subgrupos.

No que diz respeito às atitudes frente às emoções, os resultados também foram significantes a 0,01: +0,98 para o subgrupo positivo e -0,81 para o negativo.

Os diagramas das figuras 4 e 5 ilustram estes resultados.

Figura 2

Diagrama de dispersão da correlação entre crenças e avaliações sobre os comportamentos, para o subgrupo positivo ($N = 15$; $r_{be} = +0{,}76$)

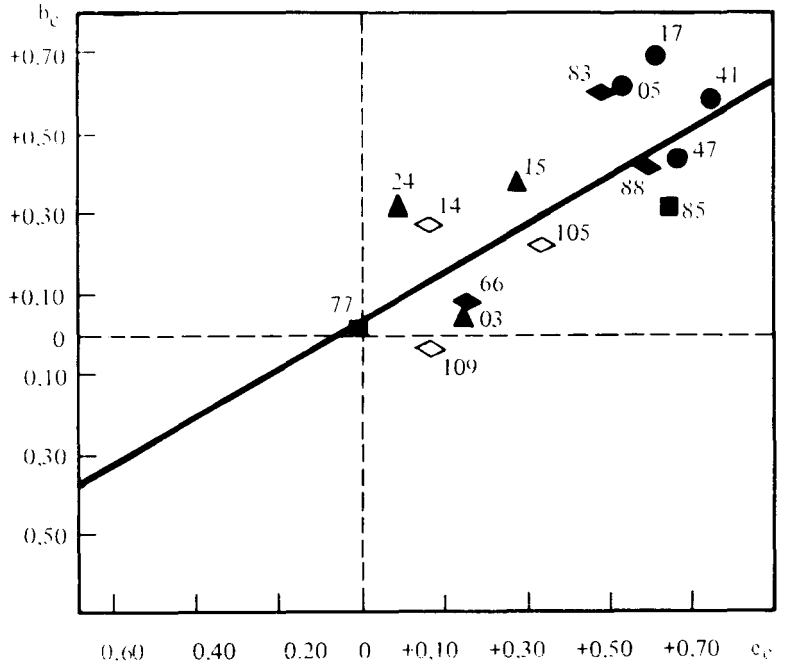


Figura 3

Diagrama de dispersão da correlação entre crenças e avaliações sobre os comportamentos, para o subgrupo negativo ($N = 9$; $r_{be} = 0{,}61$)

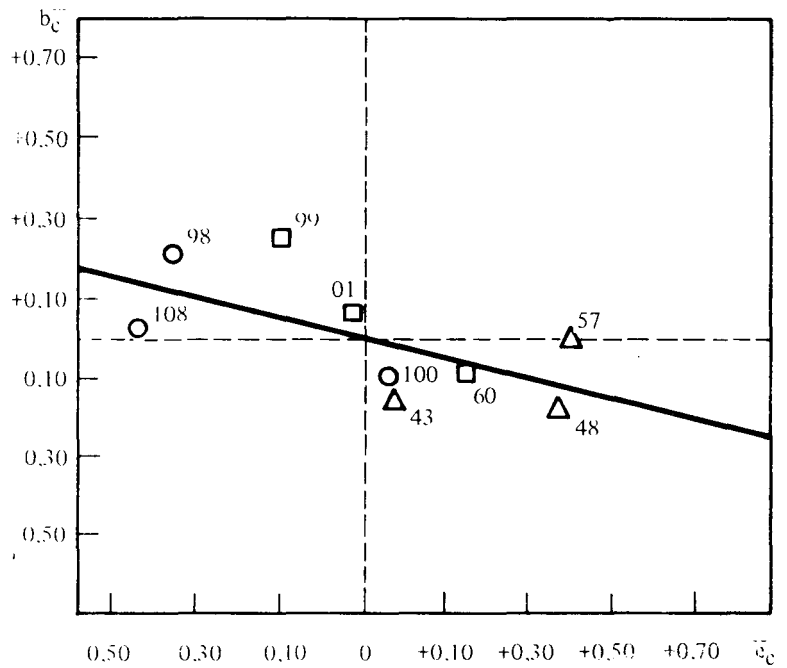


Figura 4
Diagrama de dispersão da correlação entre crenças e avaliações sobre emoções, para o subgrupo positivo ($N = 8$; $r_{be} = +0{,}98$)

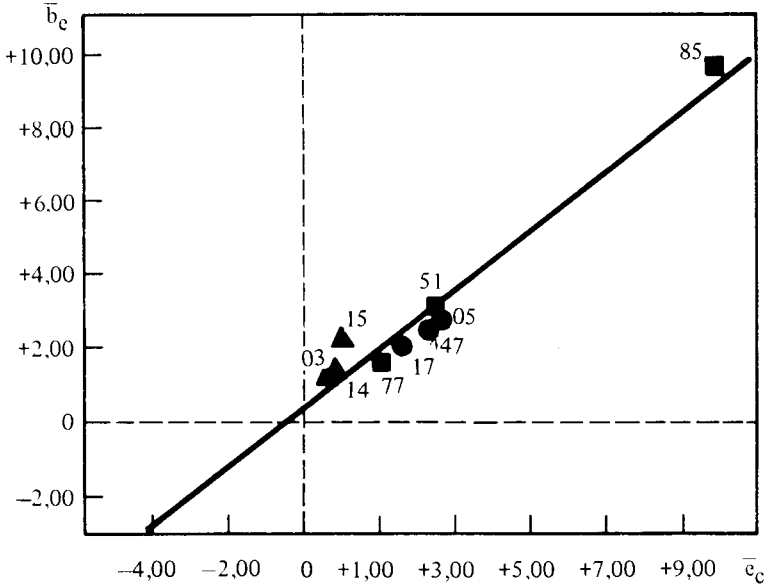
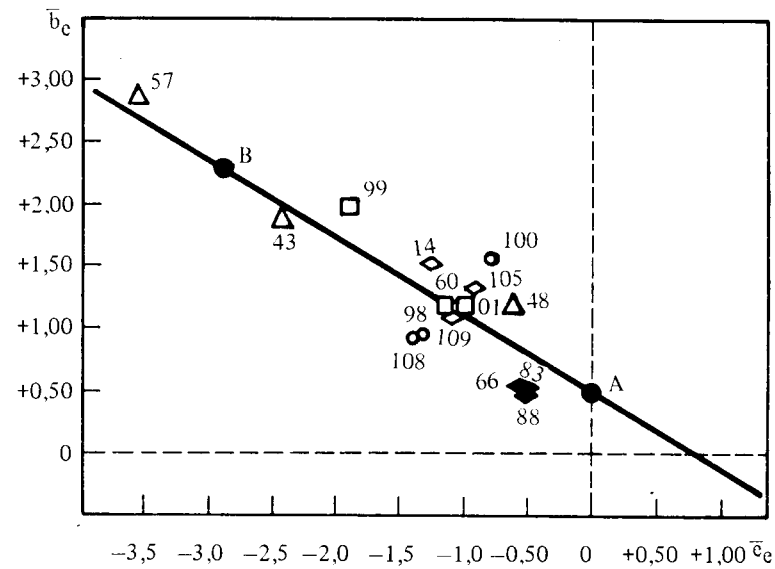


Figura 5
Diagrama de dispersão da correlação entre crenças e avaliações sobre emoções, para o subgrupo negativo ($N = 16$; $r_{be} = -0{,}81$)



4. Análise dos resultados

Com base na localização dos pontos nos quadrantes dos diagramas de dispersão, pode-se caracterizar os conglomerados, categorias e itens estudados. Partindo dos conglomerados, observamos as tendências a seguir relacionadas.

4.1 Conglomerados que apresentaram atitudes positivas dos sujeitos, quanto à emoção e ao comportamento

Nestes conglomerados, as categorias discretas de emoções são positivas e associadas a comportamentos positivos. No que se refere às crenças e avaliações sobre comportamentos e emoções, os sujeitos tendem a acreditar que a emoção tenha características positivas e os comportamentos emitidos tenham conseqüências positivas.

4.1.1 Conglomerado I (alegria)

47. Ganhar um presente de uma pessoa muito querida
5. Rever velhos amigos
17. Ter um filho

4.1.2 Conglomerado V (curiosidade)

83. Visitar um museu de arqueologia
88. Ler um livro de contos de mistério
66. Participar de uma sessão de parapsicologia

4.1.3 Conglomerado VIII (tristeza)

15. Tomar conhecimento da morte de um amigo de infância
24. Perder um animal de estimação
3. Encontrar um velho amigo na miséria

4.1.4 Conglomerado VI (alívio)

51. Tomar uma ducha após um dia árduo de trabalho
85. Sarar de uma forte dor de cabeça

Neste grupo de conglomerados positivos, alguns resultados discordantes podem ser registrados. Em primeiro lugar, o item 77 (ser despertada de um pesadelo) apresentou resultados conflitantes na relação entre atitudes, cujo ponto se situou no quadrante 2, o que significa uma tendência negativa quanto ao comportamento. Também, para este item, na relação entre crenças e avaliações sobre o comportamento, a localização do ponto no quadrante 4 indica uma tendência dos sujeitos em acreditar que o comportamento diante da locução (lembrar o sonho) tenha conseqüências negativas.

Em segundo lugar, o ponto da relação entre crenças e avaliações sobre a emoção do conglomerado V se situou no quadrante 4, o que significa uma tendência dos sujeitos em acreditar que a emoção relativa a este conglomerado (curiosidade) tenha características negativas.

4.2 Conglomerados que apresentaram atitudes negativas dos sujeitos, quanto à emoção e ao comportamento

Podemos observar que, no que se refere às categorias discretas de emoções, estas são negativas, associadas a comportamentos negativos. Uma exceção pode ser observada, entretanto, referente às categorias discretas: a categoria "nojo" apresentou resultados que colocam o ponto da relação entre atitudes no quadrante 4, ou seja, atitudes negativas frente às emoções e positivas frente ao comportamento.

Quanto às crenças e valores sobre comportamentos, há duas tendências: acreditar que o comportamento tenha conseqüências negativas, o que coloca os pontos no quadrante 4, e não acreditar que o comportamento tenha conseqüências positivas, com os pontos no quadrante 2. No que se refere à relação entre crenças e avaliações, sobre as emoções, nestes conglomerados, os pontos se situam no quadrante 4, que define a crença de que as emoções tenham conotações negativas. Compõem este grupo:

4.2.1 Conglomerado IV (desprezo-nojo)

98. Presenciar alguém adulando servilmente uma autoridade
108. Presenciar um fanfarrão contando vantagens para um grupo de adolescentes
100. Encontrar uma mosca em sua sopa

4.2.2 Conglomerado II (raiva-vergonha)

57. Dar uma forte martelada no dedo
43. Trancar o carro com as chaves dentro
48. Derramar um copo de vinho tinto no colo de uma visita

4.2.3 Conglomerado III (medo-susto)

99. Ser vítima de um assalto à mão armada
60. Ser atacada por um cão feroz
1. Ser atropelada por uma bicicleta

4.3 Conglomerado que apresentou atitude negativa quanto à emoção e positiva quanto ao comportamento

Apenas um conglomerado se inscreveu nesta tendência.

4.3.1 Conglomerado VII (preocupação)

14. Saber de um surto de meningite no seu bairro
105. Perceber que emitiu um cheque sem fundos
109. Contrair uma dívida que não possa pagar

Este conglomerado se caracterizou pela localização do ponto da relação entre atitudes no quadrante 4 do diagrama de dispersão. Neste conglomerado, a tendência dos sujeitos, quanto à relação entre crenças e avaliações, é acreditar que a emoção tenha características negativas e que o comportamento tenha conseqüências positivas.

5. Discussão e conclusões

Podemos dizer que a aplicação do modelo teórico de Fishbein e Ajzen sobre atitudes na avaliação de emoções nos deixou um saldo positivo, sob uma série de pontos de vista. Considerando os seus *componentes* afetivos, o fato de havermos utilizado com êxito escalas bipolares de avaliação parece dar suporte aos modelos que concebem a emoção como estruturas inter-relacionadas e que variam segundo dimensões de valor, como "agradável-desagradável", "bom-mau", "honesto-desonesto", "feio-bonito" e assim por diante.

Desta forma, parece oportuno considerarmos, em futuros estudos, modelos que concebem a emoção com base na hipótese da bipolaridade. Muitos trabalhos, utilizando análises multidimensionais, têm comprovado esta hipótese (Anderson, 1968; Busch, 1973; Osgood, May e Miron, 1975; Daly, Lancee e Polivy, 1983; Smith e Ellsworth, 1985); além destes, Mehrabian e Russell (1977), trabalhando com auto-relato de emoções, encontraram resultados consistentes com a escala do diferencial semântico e Russel (1979), estudando uma série de trabalhos anteriores, enumerou alguns artefatos experimentais que teriam levado à monopolaridade de resultados sobre emoções. Ao que tudo indica, os estudos fatoriais e de conglomerados são os mais adequados para futuras pesquisas.

Considerando os *componentes cognitivos* das emoções, o modelo de Fishbein e Ajzen nos ofereceu uma boa oportunidade para analisar, sob a forma de força da crença sobre as avaliações feitas, o aspecto relacionado à probabilidade subjetiva envolvida no relato, mais precisamente a *utilidade* que o estado subjetivo tem para o indivíduo.

A possibilidade de utilizar escalas de probabilidade na avaliação das emoções é uma perspectiva interessante, pois a "utilidade" pressupõe uma consciência, ou a crença sobre as conseqüências do "emocionar-se"; resgata o termo "emoção" das concepções "instintivistas", que a consideram padrão primitivo de resposta, aproximando-a da definição de Averill (1980), que a concebe como "papel social transitório".

Na visão construtivista de Averill (1980), as emoções são concebidas além da perspectiva biológica, a qual as considera respostas relativamente invariantes e determinadas geneticamente: as emoções são síndromes socialmente construídas, o que implica na determinação do sistema sócio-cultural: A partir da própria experiência subjetiva, uma pessoa pode compreender e interpretar seu comportamento emocional como um papel dentro de um grande *script* social. De acordo com Averill (1980), o significado das síndromes emocionais só pode ser totalmente compreendido ao nível da análise social: "Às vezes, um papel emocional é construído sobre, ou incorpora elementos de um ou mais sistemas biológicos de comportamento. Mas o significado da emoção – sua significância funcional – pode ser encontrado primeiramente dentro do sistema sócio-cultural. As emoções não são remanescentes de hábitos que foram úteis anteriormente, como Darwin afirmou; pelo contrário, elas são úteis no presente e uma das tarefas da teoria é esclarecer as funções que as síndromes emocionais servem no presente momento".

Pode-se visualizar, facilmente, a adequação desta visão, dentro da nossa proposta de trabalho. Por considerar as síndromes emocionais como "papéis", ou construções sociais como significado funcional, a visão construtivista aceita a emoção como parte da realidade concreta do indivíduo, o que implica a sua compreensão deste significado. Como esta compreensão se fundamenta numa estrutura cognitiva calcada no "uso", ou seja, na antecipação das conseqüências do "emo-

cionar-se", todo um sistema de crenças pode ser atribuído às emoções. Esta antecipação, em nossos trabalhos, corresponde à "probabilidade subjetiva", medida pelo componente cognitivo (*b*) do modelo de atitudes proposto por Fishbein e Ajzen.

Podemos concluir que a adequação do modelo de Fishbein e Ajzen para a medida dos estados emocionais é fundamentada pela hipótese da bipolaridade e pela visão construtivista da emoção. A primeira, que se liga ao componente avaliativo (*e*) do modelo, resulta na possibilidade de situar as emoções no plano afetivo, ao longo de uma escala de valor que esta adquire para o indivíduo. A segunda, relacionada com a função social e a "utilidade", permite uma avaliação do componente cognitivo (*b*) dos estados emocionais. Nossos resultados mostram que a síntese destas medidas, sob a forma de análise de atitudes, é a primeira contribuição que o modelo de Fishbein e Ajzen pode oferecer para o estudo das emoções.

Abstract

The aim of this paper was to verify the applicability of the bifactorial model of attitudes as proposed by Fishbein and Ajzen (1975), characterizing and affection-cognition-conation – conation trilogy – in the reports of the subjects. Probability and evaluation scales were applied to 40 female subjects to measure the strenght of their beliefs (*b*) and values (*e*) related to emotions and behaviors, calculating the correspondent attitudes. A descriptive analysis of the affective-cognitive-conative aspects of each emotion studied was made discussing the results with basis on literature.

Referências bibliográficas

Anderson, N.H. Likableness ratings of 555 personality-trait words. *Journal of Personality and Social Psychology, 3* (9):272-9, 1968.

Averill, J.R. A constructivist view of emotion. In: Plutchick, R. & Kellermann, P., org. *Emotion: theory, emotion and research*. Academic Press, 1980. v. 1.

Busch, L.E. Individual differences multidimensional scaling of adjectives denoting feelings. *Journal of Personality and Social Psychology, 25*(1):50-7, 1973.

Daly, E.M.; Lance, W.J. & Polivy, J. A conical model for the taxonomy of emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology, 45*(2):443-57, 1983.

Edwards, W. The theory of decision making. *Psycholl. Bull, 51*(4):380-417, 1954.

———. Apud: Edwards, W. & Twersky, A., org. *Decision making*. Harmondsworth, Penguin Books, 1967.

Engelmann, A. Dois discursos diferentes baseados na observação. *Ciência e Cultura, 32*(4):421-4, 1980.

———. A psicologia, um ramo da biologia – e as ciências sociais também. *Ciência e Cultura, 34*(9):1.154-63, 1982.

———. LEP – uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo, no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura, 38*(1), 1986 *a*.

———. O grande pseudoproblema da psicologia. *Ciência e Filosofia, 3*:141-53, 1986*b*.

Figueiredo, M.A.C. & Galera, C.A. Construção e validação de um questionário de atitudes através do cálculo das entropias dos itens utilizados. *Anais da XI Reunião Anual da SPRP*. Ribeirão Preto, 1981.

Fishbein, M. & Ajzen, I. *Belief, attitude, intention and behavior:* an introduction to theory and research. Massachusetts, Addison-Wesley, Reading, 1975.

Mc Quitty, L.L. Item selection for configured scoring. *Educ. Psychol. Measurement, 21*:925-8, 1961.

Mehrabian, A. & Russell, J.A. A evidence for a three factor theory of emotions. *Journal of Research in Personality, 11*:273-94, 1977.

Osgood, C.E.; Suci, J.G. & Tannenbaum, P.H. *The measurement of meaning*. Urbana, Chicago and London, University of Illinois Press, 1957.

——— et alii. *Cultural universals of affective meaning*. Urbana, Chicago and London, University of Illinois Press, 1975.

Russel, J.A. Affective space is bipolar. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*:345-56, 1979.

Smith, C.A. & Ellsworth, P.C. Patterns of cognitive appraisal in emotion. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(4):813-38, 1985.